

LUCAS CASSULE

UM THRILLER POLICIAL BASEADO EM FACTOS

O ÚLTIMO **ANGOLANO** À PROVA DE BALAS



#ésobrenós
EDITORA

Copyright Lucas Cassule, 2021
Título: O último angolano à prova de balas
Autor: Lucas Cassule

Contactos do autor para palestra, seminário e workshop
E-mail: lucascassule@gmail.com
Facebook e Instagram: [@lucascassule.ao](https://www.instagram.com/lucascassule.ao)
Tel.: +244 919 146 296

Design de capa: Lucas Cassule
Execução gráfica: É Sobre Nós Editora
Revisão: Alzira Simões
Marketing e publicidade: Carla Francisco|Julieta Nguenda

Edição Digital: Março 2021
ISBN: 978-989-54919-8-8

É expressamente proibida a reprodução deste opúsculo, no todo ou em parte, seja por meio electrónico, mecânico, fotocópia, gravação ou em bancos de dados, sem a autorização por escrito do autor.

Ao Márcio Muhongo
por ter sugerido o tema e por ser aquela pessoa pelo
qual posso sempre contar, um irmão.

Agradecimentos: aos partilhadores implacáveis, leitores,
familiares e amigos.
é sobre nós!

[...]

Imortal suspendeu os passos, mirou de um lado ao outro a ver se apanhava uma moto táxi. Nas mãos, fechado no punho, o telemóvel onde constava o endereço. Espreitou mais uma vez, fixou o nome, já basta, não me vou esquecer, disse para si mesmo. Enfiou o aparelho no bolso e fez sinal ao motoboy que se aproximava.

— Olha, tudo bem? Leva-me ao Papá Lupini. Quanto custa?

— Na clínica espiritual, mó kota?

Imortal amarrou o rosto, não gostou da atitude do jovem. O que ele tenta insinuar?

— Conheces outro lugar chamado Papá Lupini?

— Não, mó kota. Só que...

O moço tentou responder, desta vez num tom mais brando, reparara como o potencial cliente reagira com rispidez.

— Então pronto, leva-me só e mantém-te calado! — o corte de conversa foi imediato. O homem não disse mais nada, prontificou-se apenas a fazer simplesmente o seu trabalho.

À entrada daquela residência (o famoso santuário) era misteriosa e assombrosa. A estranheza iniciava logo no estreitamento que dava acesso ao quintal. Entre as paredes, havia um monte de figuras de madeira, completamente aterrorizantes, criaturas místicas, entidades espirituais ou

sei lá o que eles rezavam. Imortal avançava, mas poupava os passos, com uma das mãos à cintura, onde estava a arma. Estava em prontidão para ferir quem ousasse fazer-lhe mal. É um bairro sinistro, cheio de marginais, além disso, com o mau pressentimento que sentia ao entrar ali é como se qualquer fantasma pudesse de repente surgir do nada.

O homem examinava cada item que pendia em cada canto. Qual é a utilidade desses desenhos demoníacos?, questionava-se, mas não desistia, avançava, vagaroso. Se o amigo tinha dito que era seguro, então era. Ignorou o seu sétimo sentido de alerta de perigo.

Manuel Kinganga, Nelo Imortal como se apelidara, sempre se mostrou muito interessado no mundo do ocultismo, um desejo que já ardia desde a sua adolescência, mesmo antes de ingressar na corporação da Polícia Nacional. Segundo rumores, o mesmo tinha alguma coisa a dizer sobre a morte do irmão mais-velho, há dezassete anos, quando Imortal ainda tinha os seus dezasseis anos. Naquela altura, o irmão contava com vinte e três anos, e tinha conseguido entrar para a PIR, tornando-se o segundo orgulho da família, depois do seu pai que na altura era o superintendente-chefe. Porém, o menor sempre invejara o irmão, sempre o achara privilegiado.

Ao nono mês de exercício exitoso na corporação, Kwangana, o irmão, tinha sofrido uma crise repentina e desfalecido num dos hospitais de Luanda, logo de seguida. A autópsia havia revelado o que mais se temia, morte por envenenamento. Dias antes do incidente, os dois irmãos tinham saído juntos em convívio, coisas que raramente acontecia. No final do dia, o mais-velho apareceu totalmente bêbado, era a primeira vez que surpreendeu a família

com o consumo de álcool. Com a partida de Kwangana, a família apontara todas as suspeitas para o Nelo. Terá sido o culpado? Foram acusações e mais acusações, mas ninguém conseguiu provar nada.

Como o tempo cura todas as feridas, o mal-estar no seio familiar foi passando, e acabaram esquecendo aqueles momentos tenebrosos. Imortal seguiu a sua vida.

Após a morte do velho Nkanu, o superintendente, sete anos depois do infortúnio com o filho. Imortal é solicitado a ocupar uma das vagas no ministério do interior, um direito que lhe cabia, por ser filho de um oficial. Ele tinha recebido a notícia com muito agrado, na verdade já esperava que isto acontecesse, por isso mesmo, dois anos antes, inscreveu-se numa academia de artes marciais, já com o intuito munir-se da melhor forma para quando chegar a hora. Conseguia adivinhar o próprio percurso? Quando chegar a minha vez, serei o melhor polícia de Angola. Vai ser tipo nos filmes, ninguém vai entender nada!, dizia a si mesmo sempre que estivesse na academia a treinar arduamente.

Quando a sua inclusão na corporação tornou-se um facto, Imortal mudou totalmente o seu modo de vida. Tornou-se retraído para os amigos e cada vez mais distante da família. Só queria saber de trabalho e tudo o que tinha a ver com o seu destaque nele. Porém, o policial usava as piores cartas para atingir a tal fama de grande herói da pátria, era dos mais arrogantes no seu grupo e adorava resolver as coisas recorrendo ao seu revólver. Conta-se que muitos infractores não tiveram nem a oportunidade de conhecer o tribunal, nem a barra de uma prisão após incorrer a algum crime. Quem caísse nas operações de Imortal no mundo do crime, sabia que tinha passe directo para o céu (ou inferno?). Aquele superagente tinha decidido por si mesmo

evitar as burocracias dos julgamentos, carimbava logo a passagem directa do criminoso para o além. Imortal era perigoso, um gajo totalmente letal!

Após alguns anos, tendo alcançado a patente de Segundo Sub-chefe, insatisfeito e inconformado com a sua performance, decidiu então fazer a terceira lavagem do corpo. Procurou a clínica mais famosa de Luanda, aquela de tratamento espiritual, que tem a fama de curar todas as enfermidades. Passa nas estações de rádios e tudo. A única publicidade de feitiço legal que ouvi na rádio em toda a minha vida é daquela clínica. E se o caro leitor vive em Luanda, certamente terá ouvido também.

Imortal, fora recebido de forma calorosa naquele dia de sábado, o primeiro dia a frequentar o lugar. Havia chegado no período das dez às doze, como lhe recomendara Kilembe, seu bom amigo e colega, cliente do grande mago Lupini.

— Olha, tenta chegar pelo menos às dez horas, no sábado. É a hora menos frequentada e que o kota está calmo. Ele faz rituais mais eficientes quando não há muita agitação. — Fora lhe dito.

O nosso homem trajava a civil, umas calças jeans, uma t-shirt e um casaco preto para camuflar a makarov quadrada, novinha em folha que tinha enfiado junto à cintura.

— Quem é? — Uma voz feminina esbaforiu do interior, logo após Imortal ter dado dois leves golpes na porta.

— Nelo. Sou o Nelo, vim para uma consulta!

A senhorita chegou até à porta, atentou o indivíduo da cabeça aos pés sem dizer uma única palavra. Virou-se para dentro e convidou-o com um balançar da cabeça. Imortal reparou naquela expressão da senhora, era gordinha, rosto rechonchudo, muzumbu para cima, exalando aquele ar grosseiro. A senhora aparentava estar acima dos quarenta anos e usava um vestido largo de pano multicolor.

Imortal sentiu um calafrio escalar as entranhas, só de ler a expressão sombria da kota. Entro nessa merda ou desisto?, foram os pensamentos dele. Sandinga! Quero poder, sem sacrifício não há poder!

Ao tentar entrar, a senhora travou-o, pousando uma das mãos sobre o ombro. A mesma meneou a cabeça, sugerindo alguma coisa na cintura.

— O que foi?

— Arma nu son premitido! — A gordinha estendeu a mão direita em direcção ao balaio de hastes de palmeira que se encontrava ao lado, por cima de um pilão — Arma fugentarre espíritos!

— Mas... Ali? Nem pensar! Se roubarem?

— Quem si atrevir?

— Ah, ninguém se atreve. Está bem, se vocês o dizem! — Nelo murmurou e fez como ordenado, pousou o revólver no balaio.

No interior da residência havia um forte cheiro de incenso, pelo menos parecia incenso, cheirava a incenso. Um pouco de fumaça efluía de uma sala anexa. A luz da sala era fraca e avermelhada. Ornamentos tradicionais, estatuetas de madeiras, cornos de animais, búzios, panfletos de gurus asiáticos, e tudo o que se pode chamar de assom-

broso, decorava o espaço. Numa mesa bem em frente a sala de onde saía a fumaça, havia missangas e uma tigela de esmalte de cor branca, com um líquido vermelho que parecia sangue.

Imortal sentou-se a custo na cadeira de fitas, num canto, onde fora indicado após explicar metade do objectivo que lhe levava àquele consultório. Apenas metade, porque quando tentou acrescentar o resto, a senhora disse que já sabia e que já estavam à espera da presença dele.

— Mas eu não marquei a consulta, como souberam? O meu amigo avisou?

A senhorita fitou-o com firmeza e revirou os olhos, com aquele ar de: moço, acalma-te, nós sabemos até o que vai acontecer em 2050!

— Quero ser invencível. Quero poder brincar no meio do fogo inimigo nos escombros do Sambila, sem ser atingido por um único vestígio de pólvora! — Fora o pedido do Imortal, ali naquela sala fumegada onde estava o grande mago Lupini.

— Bom... Vai ti custar muito carro, Jove!

— Carro??

— Muito Dinero, Jove Imortale!

— Ah... Sim, muito caro! Eu estou preparado, além disso o meu amigo já me falou mais ou menos a margem de preços. Espera aí, Imortal? Como conhece este nome? Eu disse que me chamava Nelo.

O mago esboçou uma forçada gargalhada, algo que soou bem macabro, como se tivesse ouvido algo bem engraçado, assustando até o grande Imortal. Por fim, proferiu

algumas palavras num estranho idioma.

— Ah, já me tinha esquecido que vocês vêem tudo!
— Imortal também forçara uma leve gargalhada — Pronto, estou disposto a pagar. Quanto vai me custar?

— Um bala, 30 mil kwanza, três dia do tratamento. Nu pode fartarre nenhuma dia, se trasarre ou fartarre, nu funciona bem.

— Só isso?

— Parra ficarre anti-bala. Inumigo disparra, você nu morere, nu ficarre ferida. Nada!

— Conseguem fazer isso?

— Isso nu é nada, Jove Imortale!

Eu quero isso! Quero ser imortal, mais do que a própria palavra, mais do que a própria alcunha!, pensou Imortal, com um sorriso maldoso preso nos lábios. O que ele mais prezava estava prestes a realizar-se.

— Quando começa o tratamento?

— Depende, jove Imortal. Você sta preparrada?

O mago requebrou a cabeça e indicou em direcção aos bolsos do policial.

— Ah! Tenho aqui 15 mil — disse, enfiando as mãos no bolso e retirando o maço de notas de cada mil. — A bala vou tirar mesmo da minha pistola que deixei ficar lá fora. A outra metade do dinheiro pago na próxima vez que eu cá vier.

E assim procederam, fizeram os primeiros rituais mesmo naquele dia. Um banho de folhas, inalação de fu-

maças de um elixir e uma reza em linguagens estranhas enquanto rodopiavam os cornos de um animal sobre a cabeça. Imortal tinha saído daquela peregrinação, totalmente ébrio, como se tivesse ingerido estupefacientes.

No outro dia — o que aconteceu três dias depois — o processo tinha sido praticamente o mesmo, tendo acordado entre as partes, finalizarem com o procedimento num sábado, quatro dias depois da segunda sessão.

O sábado tinha se passado em branco, Imortal não se fizera presente, como combinado. Apareceu apenas no Domingo. Eram doze horas, ele transpirava sobre aquela farda azul escura, e mostrava-se muito preocupado pelo facto de ter faltado o dia anterior. Segundo ele, teve que cobrir um colega naquele dia de sábado, trabalhando mesmo até na manhã daquele domingo.

— E agora assim, o ritual ainda vai funcionar? — Indagou Imortal, naquele consultório.

— Verremos o que pudemos fazerrr! — disse aquele ancião de cabelo enrolado e curto, rosto pálido e esbranquiçado, que usava uma túnica branca — Ficarre descansado jove Imorrtales.

Depois da terapia — uma reprodução daquilo que haviam feito nos dias anteriores — lhe fora ordenado que bebesse daquele líquido avermelhado que se encontrava na tigela, à saída da porta da sala. Antes de entregar o copo de “sangue” ao Imortal, o mago serviu-se de uma faca e rasgou a bala que tinha recebido, despejando toda a pólvora dentro daquele elixir, aumentando ainda mais a confiança do policial quanto à eficácia do tratamento.

Imortal, que assistia ao processo com alguma ansiedade, ficou meio assustado (uma estranha mistura en-

tre o nojo e o medo), ainda hesitou em receber o copo. Já com copo depositado em suas mãos, ficou alguns instantes a contemplar a solução mística. De que é feito este assombroso elixir? Merda! Isso parece sangue.! Mas, sangue de quê? Que se lixe, quero ser o último homem à prova de balas!, conversava consigo mesmo em pensamentos, acabando por beber rapidamente o líquido sem apreciar o seu sabor.

— E agora, terminamos?

— Ah! Amiga, esperra! A mamã Nzuzi está trazerre o pistola.

— Pistola? Ah! A minha pistola. Mas para quê, vocês não disseram que afugenta os espíritos?

No dia seguinte, nas notícias matinais, a rádio da capital falava de um policial morto, fruto de um experimento sobre uma espécie de terapia à prova de balas que o mesmo fazia, um infortúnio. O centro espiritual Papa Lupini tinha sido encerrado, de acordo com a fonte, era ilegal. O dono do estabelecimento e uma das funcionárias estavam sob custódia policial, a serem investigados sobre o suposto crime, perpetrado naquela manhã de Domingo.

Luanda, aos 21 de Fevereiro de 2021

Siga, partilhe e contribua!

Instagram | facebook

@lucascassule.ao

#ésobrenós